

# O desafio da qualificação



**Daniel Proença  
de Carvalho**

Presidente  
do Conselho  
Geral do Instituto  
Politécnico  
de Castelo Branco

É já um lugar-comum dizer que a qualificação das pessoas é a chave para a afirmação de um País na era da globalização.

Ao entrar no clube do euro, uma moeda forte partilhada por países com grandes assimetrias de competitividade, Portugal tem vivido um ciclo de fraquíssimo crescimento económico.

Os problemas por que estamos a passar resultam, em larga medida, da dificuldade das nossas empresas em competir, partilhando a mesma moeda e no mesmo espaço económico, com empresas dotadas de recursos humanos bem mais qualificados e com disponibilidade de acesso a capital em condições muito mais favoráveis.

Este é um problema não só de Portugal, mas em geral dos países do sul da Europa, incluindo a França. Também parece hoje mais claro e consensual que não conseguiremos repor o equilíbrio das contas públicas nem aliviar o endividamento do Estado e das empresas, sem um crescimento económico significativo.

Mas não tenho uma visão tão pessimista como a que constantemente nos apregoam.

O nosso País tem vantagens que nos diferenciam pela positiva. Temos excelentes infraestruturas para oferecer aos investidores, nos transportes, nas telecomunicações, nos serviços em geral, temos centros de excelência na investigação científica -- dou como exemplo a Fundação Champalimaud - e temos o espaço da lusofonia que nos diferencia relativamente a outros países europeus de dimensão comparável.

É no campo da educação e da cultura

que temos de investir com vigor para qualificar as novas gerações para a competição em que estamos envolvidos.

Note-se que fizemos já progressos notáveis nessa área. Temos hoje muitos jovens altamente qualificados que se movem com grande à vontade no mundo dos negócios a nível mundial. Infelizmente estamos a exportá-los por falta de investimento no nosso País.

No esforço de investimento público e privado na educação há que tomar em conta os desequilíbrios regionais que se verificam no nosso País.

É evidente que existe uma diferença gritante entre o desenvolvimento económico do litoral e do interior, em resultado de fatores geográficos, mas também das políticas públicas na distribuição de recursos.

É natural que os investimentos privados tenham dado prioridade às regiões onde há mais consumidores e isso acabou por também atrair mais gente para os grandes centros do litoral.

Há que contrariar esta tendência, o que hoje é mais fácil porque as distâncias encurtaram com a excelente rede rodoviária de que dispomos e também porque as regiões do interior do País estão mais perto do centro da Europa.

Tudo isto para enfatizar a importância do IPCB para a região e o País.

Temos o dever de contribuir, todos os dias, para a qualificação dos nossos jovens, dando-lhes um ensino de exigência e rigor, despertando-os para o conhecimento e a cultura, aproximando-os do mundo real, das empresas, promovendo o empreendedorismo e a ambição.